



DECOLONIALIDADE: AÇÕES PEDAGÓGICAS ENGAJADAS COMO POSSIBILIDADES DE (RE)PENSAR AS PERFORMANCES EM SALA DE AULA

Andresa Cristina Xavier de Souza¹
Vera Lucia Cardoso Medeiros²
Suzana Cavalheiro de Jesus³

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar reflexões sobre as ações pedagógicas que ocorreram no contexto do curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa, em decorrência do estágio obrigatório para bolsistas do Mestrado Acadêmico em Ensino da UNIPAMPA, campus Bagé. As práticas ocorreram no segundo semestre de 2023 e foram divididas em quatro momentos, dentre os temas abordados estão o conceito de interseccionalidade relacionado à educação; Pedagogia da encruzilhada; Introdução às decolonialidades relacionadas aos contextos educacionais e por fim Performances relacionadas às práticas professorais. A organização e prática das ações foram pensadas a partir da ideia de pedagogia engajada de bell hooks e Pedagogia da Encruzilhada de Luiz Rufino possibilitando transformações nas formações, que nesse caso, envolveu professores em formação. Assim as ações pedagógicas ampliaram a possibilidade de pensar e agir na sala de aula a partir de uma construção coletiva dos conhecimentos.

Palavras chave: Decolonialidade; Pedagogia Engajada; Educação; Ações Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O aporte teórico evocado nas discussões decoloniais pode ajudar a evidenciar como as instituições de formação de educadores ainda reproduzem diversas colonialidades. Pensar colonialidade retoma os efeitos da colonização e do colonialismo. Colonialismo, segundo Roberta Ribeiro Silva (2019), se relaciona à ocupação do território do outro e a diversos processos de imposições de uma crença em detrimento da outra, em outras palavras, colonialismo envolve processos de subjugação, como ocorreu no Brasil, onde crenças e

¹ Discente do mestrado acadêmico em ensino da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) campus Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: andreasouza.aluno@unipampa.edu.br

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora Associada na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), atua no curso de Licenciatura em Letras - Português e literaturas de língua portuguesa e no Mestrado Profissional em Ensino de Línguas. Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: veramedeiros@unipampa.edu.br

³ Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professora adjunta da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), no Curso de Educação do Campo - Licenciatura (Campus Dom Pedrito) e no Programa de Pós-Graduação em Ensino (Campus Bagé). Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: suzanajesus@unipampa.edu.br



costumes de Portugal foram impostos aos povos originários - invisibilizados pela narrativa dos colonizadores - que já habitavam Abya Yala⁴ antes da colonização.

[...] o colonialismo opera pela lógica formadora de segmentação - étnicas, raciais, territoriais, religiosas - e marginalização - centro/periferia, sujeito/objeto -, sempre em função do seu saber e poder. Assim sendo, constatamos que o processo colonialismo foi importante não só para o exercício de acumulação capitalista, mas para a própria construção identitária e cultural das nações europeias e, conseqüentemente, das nações invadidas por estas. (SILVA, 2019. p. 50)

Lisboa (2014) registra a colonização como “[...] um processo total e totalizante, material e simbólico, físico e subjetivamente violento”. Ao pensar no caráter simbólico atribuído à colonização, temos que a colonialidade que pode ser compreendida como “dimensão simbólica” (Felipe Augusto Leques TONIAL; Kátia MAHEIRIE; Carlos Alberto Severo GARCIA JR, 2017, p 19) que extrapola os limites da colonização e permanece como resquícios, como herança. Luiz Rufino Rodrigues Junior (2017) se refere à colonialidade como “[...] marafunda e carrego moderno ocidental” (JUNIOR, 2017, p. 107). Além das ideias acima, parece interessante apresentar a perspectiva de Nelson Maldonado - Torres (2019), para quem o conceito de descolonização faz referências às insurgências e reivindicação da independência, dessa forma tem uma relação importante com o território.

Por outro lado, a decolonialidade, perspectiva assumida neste artigo, pode ser entendida como um projeto que “[...] luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos”. (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 36). Ainda segundo o autor, a decolonialidade

[...] Reflete sobre nosso senso comum e sobre pressuposições científicas referentes a tempo, espaço, conhecimento e subjetividade, entre outras áreas-chave da experiência humana, permitindo-nos identificar e explicar os modos pelos quais sujeitos colonizados experienciam a colonização, ao mesmo tempo em que fornece ferramentas conceituais para avançar a descolonização. (MALDONADO - TORRES, 2019, p 29).

⁴ “Não se trata duma casual alteração meramente semântica, mas do fruto de um processo de longa duração, de um movimento sísmico, pois esta identificação se situa no leito histórico da secular luta de resistência à condição colonial.” (Armando de Melo LISBOA, 2014, p. 518).



Não repensar como esses marafos estão presentes nas práticas docentes, bem como nas legislações referentes à educação, é perpetuar e naturalizar as hierarquias que se utilizam das diferenças como caminhos para discriminações, resultando no abismo social que temos posto como realidade. Esse abismo fica evidente quando percebemos quais corpos estão ocupando os espaços, a exemplo ainda há uma enorme diferença entre os perfis de pessoas e os papéis e lugares que essas pessoas ocupam dentro das instituições de ensino superior brasileiras.

Partindo do exposto acima e baseado nas discussões decoloniais, é que as práticas de estágio foram pensadas, a fim de discutir e pensar/criar possibilidades para/com uma turma de professores em formação, o que caracteriza um ciclo e a horizontalização das “funções” desenvolvidas nesse cenário, uma vez que todos são professores em formação e participaram democraticamente dos processos envolvidos. Neste sentido, os materiais e as performances utilizados no estágio buscaram desestabilizar os papéis normalizados sob a tríade professor, conhecimento e aluno no espaço tempo da sala de aula.

METODOLOGIA

Uma vez posto o desafio de estágio, fez-se necessário encontrar um espaço que possibilitasse aproximação com os temas trabalhados na pesquisa, a partir disso emergiu diálogo com a docente responsável pela turma de Práticas de ensino em literatura, no curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa. A partir dos primeiros contatos, começamos a elaborar um plano de trabalho, organizado a partir de quatro momentos, além da observação. As trocas e organizações que emergiram desta proximidade resultaram na proposta esquematizada e resumida no quadro a seguir:

Quadro 1 - Planejamento das ações pedagógicas

Planejamento das ações pedagógicas	
Ação Pedagógica	Conteúdo
O que é interseccionalidade?	Apresentação da ideia analítica e política de



	interseccionalidade
Pedagogia da encruzilhada.	Conceitos e estripulias implicados na pedagogia da encruzilhada.
Decolonialidade.	Introdução ao pensamento decolonial e relações com contextos educacionais
Relações performáticas com o ensino de literatura.	Produção dos discentes

Fonte: Autoras (2023)

As ações pedagógicas foram pensadas com objetivo de possibilitar trocas a partir de temas e conhecimentos que, muitas vezes, são invisibilizados nas salas de aula, mas que fazem parte dos espaços educacionais. Isso pois perpassam os sujeitos envolvidos, mesmo que não tenham consciência das disputas de poder que estão em jogo. Para isso fez-se importante pensar a comunicação como ação, a partir da qual podem ser percebidas as relações entre cultura, sociedade e subjetividade, o que implica na compreensão da educação e do ato de educar como atos políticos.

O primeiro contato com a turma de práticas em ensino de literatura ocorreu no dia 11 de outubro de 2023. Nesta ocasião, foram feitas observações sobre a organização que estavam desenvolvendo para receber alguns alunos de escolas públicas da cidade de Bagé na exposição Múltiplo Leminski, que estava ocorrendo nas instalações da UNIPAMPA. Após ler os poemas semanas antes, os alunos do componente apresentaram seus planejamentos de atividades a serem desenvolvidas com os grupos de alunos visitantes.

O segundo encontro ocorreu dia 22 de novembro de 2023, momento de iniciar a proposta das ações pedagógicas. Nesta ocasião, abordamos o pensamento interseccional a partir dos escritos de Patricia Hill Collins e Carla Akotirene, além disso dialogamos sobre o pensamento de Chimamanda Ngozi Adichie para pensar os perigos de uma história única, Djamila Ribeiro para abordar o lugar de fala, Oliveira Silveira (a partir do pensamento do autor, falamos sobre o 20 de Novembro pela proximidade entre as datas) e Frantz Omar Fanon, autores que foram/são importantes para estabelecer uma relação com os temas que foram trabalhados nos encontros subsequentes. Importante ressaltar que este movimento se caracterizou como uma apresentação desses intelectuais, ausentes das bibliografias utilizadas no curso, fato que



evidencia não só a importância e o funcionamento da interseccionalidade, mas como ocorre o epistemicídio.

Todavia, ao longo da modernidade, a produção do conhecimento científico foi configurada por um único modelo epistemológico, como se o mundo fosse monocultural, que descontextualizou o conhecimento e impediu a emergência de outras formas de saber não redutíveis a esse paradigma. Assistiu-se, assim, a uma espécie de epistemicídio, ou seja, à destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas. (Boaventura de Sousa SANTOS; Maria Paula MENESES, 2009, p. 183)

No final da aula, fizemos uma dinâmica para exemplificar na prática a interseccionalidade. Na atividade, imagens de artistas eram dispostas em slides para que fossem identificadas. O material apresentava, nos dois primeiros slides, artistas negras cisgêneros (portanto binários), no terceiro slide, artistas trans (binários e não binários), a maioria composto por mulheres negras. Na imagem abaixo, para exemplificar a atividade, podemos ver, na parte superior da imagem, da esquerda para direita, Majur, Jupi77er e Liniker; na parte inferior, Jup do Bairro, Lin da quebrada e Monna Brutal, artistas que são referências nos segmentos que atuam na música brasileira, mas muitas vezes invisibilizadas.

Ilustração 1 - Exemplo de slide utilizado na atividade



Fonte: Autoras (2023)



Como resultado, a maioria da turma reconhecia as pessoas apresentadas nos primeiros dois slides e desconhecia as pessoas e produções das demais artistas. A partir dessa atividade, ampliamos as discussões sobre interseccionalidade e o apagamento das identidades que fogem ao estipulado pelas colonialidades⁵. Vale destacar que a atividade também pode ser vista pelo ponto de suas limitações nas representações, porém, neste caso, foi uma prática satisfatória para incitar os debates.

A interação que tivemos durante as aulas sobre a tríade de gênero, raça e classe para uma melhor percepção sobre esse significado foi muito boa e relevante. Isso me fez pensar na minha interseccionalidade, não sei se está correto, mas penso na questão de se descobrir e os fatores incluídos nisso, como o gênero e a raça. Sei que sou uma mulher, parda descendente de negro. (Fragmento do registro da aluna A no diário).

Combinamos, nesta primeira atividade, que, após as aulas, os discentes fariam registros em seus diários para relatar as relações e aprendizados a partir das interações provenientes das ações pedagógicas. Vale ressaltar que o diário já era uma ferramenta utilizada com a turma, o que foi decisivo para que pudesse ser utilizado nas práticas de estágio. Durante o período de estágio, acompanhamentos semanais online foram feitos para auxiliar nos registros do diário e nas dúvidas com relação aos conteúdos abordados ao longo das atividades. Ainda, a partir deste encontro, a proposta para auxiliar no desenvolvimento do diário foi escrever sobre como foi nosso primeiro contato e as impressões sobre os temas abordados em sala de aula e/ou impressões a partir da música "o que pode um corpo sem juízo - Jup do Bairro?"

Talvez nem humanos nascemos. Sob a cultura, ação do tempo, do espaço, história, geografia, psicologia, antropologia. Nos tornamos algo Homens, mulheres, transgêneros, cisgêneros, heterossexuais, homossexuais, bissexuais e o que mais quisermos, pudermos ou nos dispusermos a ser. O que pode o seu corpo?
(Trecho da letra de "O que pode um corpo sem juízo, Jup do Bairro, 2020).

Na música, Jup convida a pensar sobre os processos de construção das subjetividades/identidades, bem como apresenta relação com o mundo que nos cerca,

⁵ A ideia evocada aqui é a de Cistemas, construída no movimento transfeminino que "[...] têm o objetivo de enfatizar o caráter estrutural e institucional – 'cistêmico' – de perspectivas cis+sexistas" (Viviane Vergueiro SIMAKAWA, 2015, p. 15)



responsável também pelas possibilidades de existências, pelas normatizações e estranhamentos. O convite de Jup é também ao movimento da dúvida.

O terceiro encontro, dia 13 de dezembro de 2023, foi online. Isso ocorreu pois a professora orientadora do estágio esteve presente em outro evento e já estava previsto no planejamento de início do semestre que, neste dia, a aula seria através do google meet. Essa aula foi dividida em três momentos: iniciamos a aula retomando as escritas da semana e conversando sobre como foram os processos de registro. Posteriormente falamos sobre performance, relacionando a sala de aula e a ideia de performance professoral, esses saberes estão registrados no trabalho de Denise Pereira Rachel (2019) intitulado “*Escrever é uma maneira de sangrar: estilhaços, sombras, fardos e espasmos autoetnográficos de uma professora performer*”, esta pesquisa possibilita/possibilitou, entre outras coisas, a inserção da discussão de arte como ferramenta potente para educação.

No terceiro momento, dialogamos sobre o trabalho de Luiz Rufino Junior (2017) intitulado “*Exu e a pedagogia das encruzilhadas*” para relacionar decolonialidade e contra colonialidade com as nossas práticas pedagógicas, pensar os entraves da educação e os movimentos possíveis de serem feitos pelo professor. Vale ressaltar aqui que a pedagogia pautada em Exu está longe de tratar apenas sobre religião, durante a aula algumas discussões nesse sentido emergiram e foram de grande valia para desnaturalizar alguns preconceitos e causar reflexões, tanto na performance desenvolvida por mim enquanto professora, como para os discentes. Isso foi possível também pois, como definido por Rufino, a Pedagogia da Encruzilhada é um projeto político, poético e ético, porque é educativo.

Eu gostei muito da nossa aula, quando li o nome “ Exu e a pedagogia da encruzilhada” logo imaginei que a aula seria muito interessante pois só a palavra “Exu” já é um tabu para várias pessoas, principalmente para quem não conhece. Eu levei mais para o lado da religião da umbanda, me chamou muito a minha atenção porque é muito difícil as pessoas falarem sobre. A maioria das pessoas falam sobre questões evangélicas e/ou católicas como se fosse um preconceito. Ou talvez por conta desse preconceito que não se fala sobre questões da umbanda. Talvez eu esteja errada que o livro não seja voltado somente a isso, mas o seu título me faz pensar que sim (Fragmento do registro da aluna A no diário).



No último momento da aula, falamos sobre alguns saberes de Antônio Bispo dos Santos. Na ocasião, falamos sobre o pensamento de confluência e lemos o primeiro capítulo de “*a terra dá, a terra quer*”, intitulado *Semear Palavras*.

Transformei as nossas mentes em roças e joguei uma cuia de sementes. Quando apresentei essas sementes, essas imagens, essas palavras germinantes, eu tinha a impressão de que a palavra biointeração germinaria mais do que as outras, tanto é que me esforcei muito nesse sentido. Mas o que aconteceu foi que a palavra que melhor germinou foi confluência. Não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente conflui, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. (BISPO, 2023, p.4)

E pensando nos momentos de partilhas resultantes das ações pedagógicas, nas confluências, também podemos falar aqui sobre a necessidade de ensinar com amor, como nos ensina bell hooks “[...] defini amor como uma combinação de carinho, comprometimento, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança. Todos esses fatores operam de forma independente”. (hooks, 2022, p. 142). A autora ainda defende que esses elementos são básicos para criar condições de aprendizados, sendo amor princípio movente contra opressão e possibilidade para transformação.

Posteriormente, no terceiro encontro, estabelecemos relação entre as autoras e conversamos sobre como a língua está implicada nos processos de construção de identidade e da realidade. Também falamos sobre a necessidade de estar aberto ao processo contínuo de aprender. Nessa ação pedagógica o que dialogamos começou a ecoar e se relacionar com outras pesquisas em desenvolvimento. “[...] como discutido no decorrer da aula, pude construir uma relação com a pesquisa que realizei e continuo realizando, em torno das influências das línguas africanas”. (*Fragmento de registro da aluna C*).

No quarto encontro, 14 de dezembro de 2023, retomamos os escritos da semana e algumas alunas leram suas produções, a partir das quais lembramos assuntos trabalhados anteriormente. Além disso, começamos a discutir as performances, a seguir uma aluna faz referência a performance elaborada pelo Coletivo Parabelo, performada e registrada por Rachel (2019), intitulada Treze dias. Essa aula performática duracional pode ser compreendida como



“[...]” uma crítica ao regime das aparências escolares” (RACHEL, 2019, p. 136) e foi o início das discussões acerca das performances em salas de aula.

Quando iniciamos a aula pensando sobre o que é uma performance, pensei em dança, show de música, teatro, ballet, ensaios que envolvam movimentos e ritmos planejados. Não tinha pensando em uma professora performer, achei interessantíssimo ela ir descalço durante 13 dias para ver a reação das pessoas que trabalham na escola e dos alunos. É engraçado pensarmos em tudo quando ouvimos essa palavra e não lembrarmos de professores, pois todos os dias eles fazem performances pensadas, estruturadas e desenvolvidas com muito trabalho para não serem, muitas vezes, valorizados como deveriam. (Fragmento do registro da aluna C).

Para dar segmento nesta ação pedagógica, trabalhamos com os escritos de Tatiana Nascimento e de seu livro *Lundu*, no qual a autora possibilita relações com os temas trabalhados nas aulas anteriores. Aprendemos sobre Tatiana Nascimento e assistimos sua performance do poema “*Lundu*” que nomeia o livro. Posteriormente falamos sobre o que é o *Lundu* (escutamos as sonoridades do ritmo) e como estaria relacionado com a obra. Após essa introdução, o livro “*Lundu*” foi disponibilizado em PDF para os alunos, que deveriam escolher um poema e apresentar performaticamente para os outros colegas de turma. Junto com a proposta, estava uma rubrica pedagógica, elaborada por mim e pela docente responsável pela turma. A ideia foi que todos pudessem apreciar os colegas, estabelecer outras relações possíveis entre corpo e sala de aula, e além disso, aprender outras possibilidades de pensar avaliação em suas práticas docentes.

Quadro 2 - Rubrica pedagógica para atividade performática

Rubrica pedagógica para atividade performática			
	1	2	3
Sobre criatividade da performance	Focou na leitura do texto	Fez a leitura do texto e acrescentou outros elementos	Acrescentou outros elementos como movimentos corporais, sonoridades relacionadas ao texto, música, imagens, entre outros.
	A	B	C



V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024
HÍBRIDO
UNIPAMPA/RS-BRASIL





Relação com os temas abordados anteriormente no semestre	Não conseguiu estabelecer relações	Conseguiu estabelecer relações e teve dificuldades para comunicar as ideias	Conseguiu estabelecer relações e comunicar as ideias
--	------------------------------------	---	--

Fonte: Autoras (2023)

Todos da turma pensamos/realizamos nossas performances, que poderiam contar com o apoio de músicas, imagens, movimentos coletivos (como percussão corporal) entre outros. Importante frisar que neste momento houve, de início, uma resistência que ficou evidente a partir da vergonha que alguns alunos demonstraram, movimento que nos voltou a pensar sobre as performances dos corpos relacionando com o trabalho de Rachel (2019) e que foi superado a partir das primeiras performances feitas.

Após cada apresentação, os alunos faziam comentários sobre possíveis relações com os temas abordados anteriormente ao longo do semestre e das ações pedagógicas e, em seguida, os colegas davam feedback sobre suas avaliações, a partir da Rubrica pedagógica elaborada para a atividade.

No final das apresentações, projetei o livro para falarmos sobre a estética dos textos e fizemos coletivamente a leitura de alguns textos sugeridos pelos discentes. Neste momento a professora responsável pela turma trouxe a ideia de fazermos um jogral - e explicou aos presentes o que era pois muitos desconheciam - para qual os estudantes escolheram o poema *brásília 5.5*.

brásília 5.5
sujo demais
novo demais
escuro demais
feridas demais na
pele quase ultimato
um corpo a mais
no vagão errado
no século errado
no continente errado
presença quase desacato
incomoda demais a polícia
as pessoas de bem
o ar metropolitan chic a
pressa
do
trem



(NASCIMENTO, 2016, p. 31)

Após discussão, construção coletiva de como seria feita a performance e ensaio, realizamos a gravação do jogral que pode ser acessada através do QR code abaixo. Assim foi finalizado o estágio com a turma e concluído o planejamento das ações pedagógicas.

Imagem 2 - Jogral “brasília 5.5”



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações pedagógicas realizadas no Estágio Docente possibilitaram a emergência de diálogos e vivências que levaram as pessoas envolvidas a processos de (des)construção e (re)construção de conhecimentos e atitudes, e a percepção de outras perspectivas de ser e estar resultaram em movimentos de ampliação das possibilidades de leituras das realidades e das identidades. Tais movimentos ficam evidentes tanto ao observarmos os registros feitos pelos discentes no diário entregue ao final da disciplina, como registrado ao longo deste artigo, quanto na avaliação realizada pelas docentes envolvidas - uma professora mestranda, em formação ainda inicial, e a professora responsável pela turma, com mais de vinte anos de atuação na formação de docentes.

Como um jogo de encaixe, as ações pedagógicas desenvolvidas mobilizaram percepções, relações e vivências que alcançaram intensamente as pessoas envolvidas, considerando suas diferentes posições nos processos implicados no ser/estar docente, tais como pluralidade de contextos, de corpos e consequentemente de performances. Na perspectiva da docente estagiária, as práticas supracitadas foram imprescindíveis para expandir as experiências com a docência e também assimilar, de outras formas, os conteúdos trabalhados no desenvolvimento da pesquisa em andamento. Foi possível, ao longo do estágio, perceber como os saberes estavam sendo relacionados pelos alunos, devido aos registros nos diários, o que



possibilitou perceber caminhos para as ações seguintes. Cabe aqui ressaltar que a avaliação processual (as observações iniciais, os registros nos diários dos discentes) e a avaliação final (as performances) evidenciaram resultados positivos relacionados às atividades desenvolvidas. O apoio, a experiência, os saberes, a disposição e o auxílio da docente responsável pela turma foram importantíssimos para que as atividades fossem elaboradas e houvesse conexão com o grupo. Além disso, o desafio de discutir ideias decoloniais a partir de ações decoloniais implicou um duplo desafio. Essa experiência foi importante, também, para quebrar algumas ideias pré concebidas sobre a docência no ensino superior. É possível ainda, elaborar a partir da organização das ações pedagógicas supracitadas críticas ao currículo (por limitação do formato não foram contempladas, mas que futuramente podem ser ampliadas), através do qual a colonialidade opera uma vez que as noções consolidadas pelo currículo têm “[...] o potencial de forjar subjetividades e práticas coloniais e colonizadoras” (Nilma Lino GOMES, 2019, p. 228), isso pois, como registra Tomaz Tadeu da Silva, “[...] o currículo é uma invenção social como qualquer outra: o Estado, a nação, a religião, o futebol... Ele é o resultado de um processo histórico” (SILVA, 1999, p. 148).

Na perspectiva da docente responsável pela turma que recebeu a estagiária, a experiência pode ser traduzida como uma “aposta pedagógica” (Catherine WALSH, 2009), expressão que elimina a rigidez e o caráter acabado que as pedagogias tradicionais atribuem ao fazer docente. No campo da educação, a proposta decolonial recusa o acabado e concluído e abre-se para o processo em construção, em que todos aprendem e ensinam, de modo que se rompem com paradigmas tradicionais marcados por ser e saberes hierarquizados. Essa quebra se deu desde a acolhida à proposta da docente mestranda em formação, desejosa de construir com docentes em formação inicial, em nível de graduação, seus temas e interesses de pesquisa. Se, por um lado, a proposta de estágio docente não tratava dos conteúdos previstos inicialmente no plano de ensino do componente Práticas em ensino de literatura, por outro lado, o projeto de ensino permitiria tratar de questões muito relevantes. Além disso, o envolvimento da jovem pesquisadora com os assuntos abordados não se limitava ao cumprimento de uma obrigação acadêmica, suas escolhas teóricas e metodológicas, bem como os textos literários selecionados, traziam, para o centro da ação pedagógica, a marca do sujeito docente, numa recusa ao distanciamento e à impessoalidade tão ao gosto das formas colonizadoras de pensar. Ao longo



dos encontros sob responsabilidade da docente mestranda, eu e a turma fomos constantemente provocadas/os a abandonar lugares estabelecidos, saberes acadêmicos engessados e a realizarmos apostas. Dos vários aspectos que emergem da experiência, quando observados desde a perspectiva da professora da turma, destaco a necessidade de chamarmos atenção de docentes em formação para a necessidade de desconstruir formas limitantes de pensar a/o docente, observadas não apenas nas/nos profissionais, mas também nas/nos estudantes, em qualquer nível. A experiência de estágio acadêmico revelou que apostar em ações pedagógicas engajadas implica reposicionar o lugar docente e, como consequência, suas opções metodológicas.

Para finalizar, retomamos os ensinamentos de bell hooks sobre a importância de ensinar com amor que foi imprescindível para organizar as ações e as performances em sala de aula. Considerando o contexto a partir do qual este artigo foi desenvolvido, foi possível organizar e praticar um fazer pedagógico engajado à medida que construímos esses espaços de trocas a fim de transcender as práticas e relações comuns, construindo coletivamente os saberes. Isso refletiu também sobre as performances neste contexto, cujas reflexões estiveram atreladas às disputas de poderes que estão implicadas nas salas de aula e possibilidades outras de perceber os corpos.

REFERÊNCIAS

BAIRRO, Jup do. **O que pode um corpo sem juízo**. Deck9 Record's. São Paulo, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8Al22ANncKM>. Acesso em 9 jul. 2024.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2.ed; 1.reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

hooks, Bell. **Ensinando em comunidade uma pedagogia da esperança**. 2022. Elefante. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7623716/mod_resource/content/1/bell_hooks_-_Ensinando_comunidade-Editora_Elefante_%282022%29.pdf. Acesso em 9 jul. 2024.

JUNIOR, Luiz Rufino Rodrigues. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. 2017. (Teses) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em



https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/10434/1/Tese_Luiz%20R%20Rodrigues%20Junior.pdf. Acesso em 16 out. 2023.

LISBOA, Armando de Melo. De América a Abya Yala - Semiótica da descolonização. **Revista Educação Pública**. Cuiabá. v. 23, n. 53/2. 2014. Disponível em <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1751/1320>. Acesso em 23 jun. 2024.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2.ed; 1.reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, Tatiane. **Lundu**. Padê. Distrito Federal. 2017. Disponível em https://palavrapreta.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/12/lundu_tatiananascimento_2ed.pdf. Acesso em 9 jul. 2024.

NASCIMENTO, Tatiane. "**lundu**," **em libras e em português**. São Paulo, 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Zu6WvqH0EEs>. Acesso em 9 jul. 2024.

RACHEL, Denise Pereira. **Escrever é uma maneira de sangrar** : estilhaços, sombras, fardos e espasmos autoetnográficos de uma professora performer. São Paulo, 2019. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/items/072e05a2-8591-4ae1-8f88-e98d8b09e7e6>. Acesso em 13 jul. 2024.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá a terra quer**. 2023. Ubu. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7944144/mod_resource/content/1/Antonio%20Bispo%20dos%20Santos%20-%20A%20terra%20da%CC%81%2C%20a%20terra%20quer-Ubu%20Editora%20%282023%29.pdf. Acesso em 15 nov. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. 2009. **Revista Lusófona de Educação**.

SILVA, Roberta Ribeiro. **Mulheres Negras, Produções e Interseccionalidade**. 2019. Dissertação (Mestre em ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22236>. Acesso em 20 jun. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 1999. Belo Horizonte: Autêntica. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5735262/mod_resource/content/1/Livro%20-%20Silva%20%281999%29%20Curr%C3%ADculoDocumentos%20de%20Identidade.pdf. Acesso em 15 de Jul 2024.



SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Miltons Santos). Universidade Federal da Bahia. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>. Acesso em 20 Jun. 2024.

TONIAL, Felipe Augusto Leques; MAHEIRIE, Kátia; GARCIA JUNIOR, Carlos Alberto Severo. A resistência à colonialidade: definições e fronteiras. 2017. **Revista de Psicologia da UNESP**. Disponível em <https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/270/273>. Acesso em 15 jun 2024.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org). **Educação Intercultural na América Latina**. Editora 7Letras, Rio de Janeiro, 2009.